

Um dos habitantes da localidade catalã de Portbou entrevistados pelo realizador argentino David Mauas para o filme "Quem Matou Walter Benjamin?" lembra-se de um dia, em criança, ver um pequeno cortejo fúnebre a atravessar a povoação, o corpo tapado por um lençol, um braço que se escapa para fora, e que um dos homens se apressa a pôr novamente debaixo do pano. Foi assim que enterraram Walter Benjamin. No cemitério municipal de Portbou, uma terra onde não conhecia ninguém, numa cerimónia católica, e com um nome errado.

O homem que chegara a Portbou no dia anterior, 25 de Setembro de 1940 - e que é considerado hoje um dos grandes pensadores do século XX - estava desesperado. Fugia da França ocupada pelos nazis, onde vivera no exílio nos últimos anos, e tentava a todo o custo chegar a Lisboa, para daí apanhar o barco para os EUA, como faziam na época tantos judeus em fuga da Europa.

Acompanhado por uma mulher e o filho desta, fugitivos que conhecera em Marselha, Walter Benjamin atravessara os Pirinéus - e, diz-se, carregando uma pesada mala onde estaria o seu último manuscrito, depois disso desaparecido. Ao chegar a Portbou foi detido e informado de que a legislação acabava de ser alterada e que não poderia seguir viagem. Deixaram-no passar a noite num hotel barato, o Fonda de Francia, enquanto esperava a deportação.

Foi nesse quarto de hotel de uma cidade que não conhecia que, nessa noite, Benjamin sentiu-se mal, e, horas depois, morreu. Para a História ficou a ideia de que o desespero o levava a tomar uma dose excessiva de morfina e a suicidar-se. Sessenta anos depois, David Mauas chegou a Portbou e descobriu memórias confusas e uma história que ainda hoje está mal contada.

Falou com muitas pessoas que ainda recordavam essas horas que Benjamin passou em Portbou. Ouviu muita gente e descobriu, como conta ao Ípsilon numa conversa telefónica, que "quando se escava uma história como a de Benjamin, ainda há muito secretismo numa povoação pequena como esta". Mas isso permite, por vezes, "ir construindo uma narrativa pelo que não se diz".

"Durante os quatro anos [que trabalhou no documentário], chegava a determinados momentos que eram evitados. Era sempre o mesmo momento em todos os testemunhos, o que leva a pensar que era um momento traumático", explica. Porque o que está em causa aqui não é apenas um intelectual estrangeiro que não consegue passar a fronteira. O filme de Mauas é um retrato de Portbou em 1940, uma povoação atingida pela guerra civil que terminara no ano anterior em Espanha, e onde, dizem vários dos entrevistados, havia agentes da Gestapo clandestinos - e, claro, espanhóis com simpatias ainda hoje difíceis de confessar.

Se a morte de Benjamin foi um simples suicídio de um homem desesperado, porque é que os papéis referentes à sua detenção logo após a chegada à cidade desapareceram? "Essa documentação não existe nos arquivos. Há um salto de numeração. Esse tipo de documentos existem para outros detidos na mesma altura. De Benjamin, nada".

E - são outras perguntas que surgem a Mauas - se ele era judeu porque é que lhe fizeram um funeral católico? Porque é que o padre local pagou as despesas? Porque é que há incongruências quanto ao dia da morte e do funeral? Terá o médico mentido na certidão de óbito? De onde surge a história do suicídio? - aparentemente de uma carta que Benjamin terá escrito, que foi destruída, e que só uma pessoa parece ter visto.



A estranha morte de Walter Benjamin a caminho de Lisboa



O argentino David Mauas investigou as circunstâncias do suposto suicídio do filósofo alemão na Catalunha quando tentava fugir aos nazis. O documentário passa amanhã na Culturgest. *Alexandra Prado Coelho*

Porque é que o filósofo estava tão sozinho aos 48 anos é algo que Mauas não tenta explicar. "É uma pergunta de índole mais psicológica para a qual não tenho resposta". O realizador trata o objecto do seu filme com aquilo que reconhece ser "pudor" - só existem imagens de Benjamin no final. "Prefiro tratá-lo como protagonista ausente. Até porque penso que, se fosse por ele, não queria ser protagonista desta história. Não quero mostrar imagens dele que se converteram em ícones e fizeram dele um Che Guevara intelectual. Tal como não tento pô-lo no lugar dele, mostrar o que sentia ou pensava. Eu não sei o que ele sentia ou pensava".

Mauas prefere os factos. E esses dizem que "era uma época de guerra, muita gente tinha fugido ou estava presa, era a debandada geral, cada um tentava salvar-se como podia". E o filósofo alemão "não estava filiado com os comunistas, não fazia parte do movimento socialista", por isso "não tinha nenhum tipo de estrutura que se responsabilizasse por ele, que o ajudasse fugir de França".

Hoje Walter Benjamin está a ser redescoberto. Em França "está a ser traduzido de forma maciça", em Portbou transformou-se numa atracção turística. Em Portugal, a Assírio & Alvim lança agora o terceiro volume "A Modernidade" das Obras Escolhidas", com um conjunto de ensaios em torno de Baudelaire e a Paris do século XIX, num projecto editorial da responsabilidade de João Barrento.

"Benjamin não é um filósofo convencional. Tem uma obra extremamente diversificada, sobre o cinema, a fotografia, a estética, a literatura", afirma Barrento. "É uma figura que antecipa uma série de problemas, desde a evolução da grande cidade, a relação das massas com o cinema e as artes novas. É um pensador seminal do século XX".

Walter Benjamin morreu sozinho, num hotel barato, deixando por pagar uma conta - que, essa sim, sobreviveu para contar o último episódio de uma história triste: "O hoje defunto Benjamin Walter deve 166,95 pesetas, por quarto e jantar, quatro chamadas telefónicas, 5 gasosas com limão, farmácia, vestir o defunto, desinfecção do quarto, lavar colchão...".

Debates sobre a obra de Benjamin e o seu olhar sobre a cidade e as artes, hoje e amanhã no Pequeno Auditório da Culturgest, às 18h00, com Bernd Witte, Maria Filomena Molder, Manuel Gusmão, João Barrento, David Mauas e José Júlio Lopes.